

Na bela hora em que se irradia a confluência do laranja solar do dia com o azul da noite, a alegria e emoção e a beleza do universo se juntam no aplauso e acolhida a CIBELE BENEVIDES GUEDES DA FONSECA. Jubilosamente, em conagraçamento cultural, a ALEJURN recepciona a nova acadêmica.

As academias são sociedades com caráter científico, literário ou artístico. Nas palavras de Alceu de Amoroso Lima, “O primeiro dever de uma Academia de Letras é defender o passado a dignidade das letras, da cultura como um todo; é a defesa dos valores morais sem preço, da liberdade criativa e, através dela, da distribuição da justiça.” Todas essas palavras são aplicáveis a esta Academia, a que as letras jurídicas dão o sentido científico.

Este momento ressoa cheio de felicidade para saudar e enaltecer a nova Acadêmica por suas elevadas qualidades intelectuais e seu relevante trabalho. Na esfera dourada dos mais fortes sentimentos, é imprescindível, emocional e juridicamente lançar um olhar ao passado tão recente que traz a querida imagem do fundador e primeiro ocupante da cadeira nº 02, o Ministro do Superior Tribunal de Justiça, José Augusto Delgado, a quem presto, reverente e saudosa, minha homenagem em que se reafirma a reverência desta Academia ao grande jurista.

A cadeira tem como Patrono Amaro Cavalcanti cujo centenário de falecimento ocorre neste ano. Oportuno lembrar o ilustre caicoense que fez seu curso de Direito nos Estados Unidos onde obteve o direito ao exercício pleno da profissão jurídica naquele país e que em 1906, no Brasil, passou a integrar o Supremo Tribunal Federal, tendo engrandecido as letras jurídicas com, entre tantas obras, o sempre lembrado, consultado e referido livro “Responsabilidade Civil do Estado”.

A nova Acadêmica, Cibele Benevides, tem destacado desempenho nas lides jurídicas e amplia a representação feminina nesta casa com sua expressiva atuação, na qual afirma o compromisso da busca pela efetivação do princípio constitucional da igualdade para que as mulheres conquistem espaço e o reconhecimento da sua competência.

Por isso, as palavras desse momento não podem silenciar sobre a posição e a condição da mulher. Cabe iniciar pela figura de RACHEL DE QUEIROZ que foi a primeira mulher a assumir uma vaga na Academia Brasileira de Letras. Nordestina, sua obra mais destacada é “O quinze” sobre as agruras da seca mas também tornou conhecida Maria Moura, a mulher jagunço, no livro cujas linhas finais indicam o rumo, dirigem: “Saí na frente, num trote largo. Só mais adiante segurei as rédeas, diminuí o passo do cavalo, para os homens poderem me acompanhar.”

Na mesma linha histórica, surge Anna Maria Cascudo Barreto, uma inesquecível integrante desta Academia, onde ocupou a Cadeira nº 24, cujo Patrono é o grandioso Luís da Câmara Cascudo. No texto-depoimento ‘Uma mulher no Universo Masculino’ publicado na revista da Academia Norte-riograndense de Letras em que também teve assento, Anna Maria relatou seu início profissional como Promotora Adjunta ainda

estudante do Curso de Direito e depois, concursada do Ministério Público, ter exercido seu cargo em seis municípios do Estado e disse sobre sua experiência “A princípio, em cidades do interior, observei certa estranheza pelo meu sexo e idade, mas logo consegui reconhecimento comunitário pela minha presença e atuação, interesse e labor incessante.”

Sim, mulher na profissão jurídica, ela era, naquele momento, uma gota d’água no oceano. Como tinha sido Rachel de Queiroz no mérito literário na Academia de Letras. Aos poucos, as gotas se reúnem e engrossam o grande rio da vida através das correntezas e da impetuosidade da água para chegar ao verdadeiro oceano da humanidade, a igualdade.

Nestas palavras de Recepção, é do protocolo a Justificativa do ingresso do novo membro, na Academia. Aqui chega a acadêmica Cibele Benevides ungida pelo sufrágio unânime dos pares que nela reconhecem as credenciais para assunção à cadeira. Incumbe-me por em evidência os ângulos intelectuais e existenciais da personalidade da ilustre acadêmica. Estudiosa, destacada, aguerrida, do início de seus estudos foi estagiária brilhante da Procuradoria do INSS e, em seguida, foi aluna laureada, ao se graduar em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte no ano de 1995. Iniciou ali uma trajetória de sucesso e dedicação ao conhecimento jurídico. Nesse trajeto, atividades importantes marcaram a vida social e profissional da homenageada desta sessão solene.

Inteligente e talentosa, sua vida profissional é definida pelo número 1 que a acompanhou, desde o Ministério Público do Estado do Rio Grande do Norte, quando foi aprovada em primeiro lugar no concurso, até o cargo de Procuradora Chefe do Ministério Público Federal no Rio Grande do Norte, de 2006 a 2008; de Procuradora Regional Eleitoral; de Presidente do Conselho Penitenciário do Rio Grande do Norte, já então como pioneirismo da participação feminina nesses órgãos.

Seguindo nessa linha destemida e relevante, atuou na Operação Corona por meio do qual o tráfico internacional de pessoas, associado a uma organização criminosa italiana foi combatido e punido. A atuação de Cibele Benevides se tornou referência no estudo da questão. Sua obra intelectual é relevante, desde a edição, em 2017, pela editora Del Rey, do livro “Colaboração premiada” que, em cinco anos, já alcançou a terceira edição. Nessa linha, são inúmeros os artigos publicados sobre o mesmo assunto, atual e desafiador.

A abrangência de suas atividades influenciou sua formação profissional e a sua convicção e atuação nas questões da mulher a faz detentora da Medalha de Mérito Social Maria do Céu Fernandes outorgada pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte e da Medalha de Mérito Nísia Floresta, outorgada em 2009 pelo Conselho

Municipal dos Direitos da Mulher e das Minorias da Prefeitura de Natal. E, neste ano, sagrou-se entre as vencedoras do Prêmio Margarida de Boas Práticas em Equidade de Gênero, instituído pelo TRF-5; sua iniciativa consistiu no projeto Plena igualdade de gênero nos contratos administrativos do Ministério Público Federal do RN” para incentivar o equilíbrio entre homens e mulheres nas contratações terceirizadas.

Se, em séculos passados, a atuação das mulheres era restrita ao âmbito familiar, nos dias que correm, a presença feminina ocorre em diversos setores da sociedade. Todavia, ainda não foi alcançado o estágio em que homens e mulheres sejam iguais e plenamente respeitados, com a superação dos preconceitos de gênero. A famosa epítome ‘bela, recatada e do lar’, dita em pleno século XXI, rescende a mofo do século XVII. Ora, diferentemente, diz Mary del Priore, que “nas últimas décadas, o desenvolvimento tecnológico e a globalização econômica contribuíram para a circulação de novos padrões de comportamento e consumo”. E essas palavras apontam e descrevem a atuação da mulher, na atualidade.

Na academia de letras jurídicas do Rio Grande do Norte, onde hoje mais uma mulher toma seu assento como lugar de direito e se completa o número de seis acadêmicas, as ilustres Zélia Madruga, Estefânia Viveiros, Isabel Marinho, Lucia Jales e esta falante, deve ser considerada a afirmação de Simone de Beauvoir (O segundo sexo, 1967, p.7): “É, pois necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas (...) Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo”.

Saiamos do passado pesado pois o futuro é agora.

Na esfera do trabalho, há uma divisão que não é mais sexista, mas de gênero. Como diz María Jesús Izquierdo, o conceito de gênero informa a compreensão de que a “desigualdade fundamental entre homens e mulheres reside nas formas como os seres humanos se relacionam na produção da sua existência, como a produção da riqueza e a utilização da força de trabalho”. Uma das dimensões estruturantes do gênero, na relação entre feminino/masculino é a categoria trabalho. Com ela, há uma demarcação entre trabalho masculino/feminino, a exclusão nos locais de trabalho, as oportunidades para fazer uma carreira, a ocupação de cargos de poder e decisão, cargos de chefia e gerenciais e a definição do lugar de fala e do direito de fala, especialmente de se fazer ouvir e de sua fala ser considerada. Ao examinar a discriminação, Bárbara Ferrito aponta que ‘a participação das mulheres em reuniões por exemplo é cerceada por interrupções de sua fala; explicações desnecessárias como se não fossem capazes de compreender; apropriações de suas ideias que são ignoradas e em seguida reproduzidas

por homens.” Ora, a academia é um lugar de fala. Em todos os espaços sociais, seu espaço, como nesse espaço, a fala da mulher deve ser ampla, abrangendo a partir de seu lugar de fala, todas as questões, focalizando os aspectos profissionais e o avanço na carreira, o reconhecimento da igualdade de valor do trabalho feminino, a oferta de condições para o exercício da maternidade e da vida familiar, a questão da violência doméstica, a ausência, para a mulher, em muitas situações, da mesma liberdade de escolha que os homens na sociedade.

A liberdade de escolha nos reconduz à figura extraordinária e trágica de Hipátia de Alexandria que viveu nos anos 370-415 D.C. e foi filósofa, matemática e cientista defendendo o heliocentrismo. Ela representou a liberdade de se tornar o que queria ser. Atualmente ainda persistem no trabalho da mulher os vieses inconscientes entre trabalho masculino/feminino como a associação da liderança e do sucesso profissional à masculinidade, a presunção de que o trabalho feminino é leve, a interação entre os trabalhos doméstico e o remunerado, a destinação das mulheres a rotas pré-determinadas como o setor de call center e a naturalização das más condições de trabalho.

Recebi convite da ora empossada para proferir esta saudação o que tocou profundamente meu coração. Sou-lhe grata por isso, e peço que aceite essa manifestação ditada por quem aprendeu a admirar seu trabalho, os valores por que se pauta e que afirma a união com suas ideias. Atribuo e afirmo o vínculo entre nós como decorrência da militância pela assunção e defesa do lugar da mulher na sociedade. Peço licença, agora, para trazer, nesse momento, em licença poética a fala da emoção, que mostra e exalta a mãe de Maitê e Marina, filha de Verinha, irmã de Isa, tia de Anna Martina, registrando as mulheres que acompanham e aplaudem Cibele, casada com Raphael, filha de Roberto, irmã de Igor e tia de Antônio, que, assim, vai tecendo o equilíbrio das relações e dos afetos.

Por fim, retomando as formalidades do acontecimento oficial, AFIRMO, como membro da ALEJURN a alegria de a receber, dra. Cibele Benevides como confreira. Seja bem-vinda a esta Casa que, a partir de sua eleição e com sua posse formal, é sua para grandeza da cultura jurídica potiguar.